

A Ida de Dora

Um caso clínico

Ana Cláudia Zuanella,¹ Recife

Resumo: Freud atendeu Dora em 1900 por três meses, até esta abandonar o tratamento. Uma das suposições do analista foi que isso se deu por ele não ter percebido a tempo o movimento transferencial da paciente. Esses fatos amplamente conhecidos serviram de estímulo para a autora escrever este artigo, onde procura reproduzir o atendimento a Dora usando, para suas intervenções, as ferramentas clínico-teóricas que temos hoje. Com esse expediente, a autora visa entender Dora em seu sofrimento e sua demanda a partir de um suporte teórico que não existia em 1900, e convida os leitores a imaginar como conduziriam o caso se o recebessem hoje em seus consultórios. Para acompanhá-la em seu trabalho, ela se faz valer de autores mais atuais, como Bollas, Roussillon e Cassorla, e outros mais antigos, como Ferenczi.

Palavras-chave: Dora, transferência, contratransferência, enactment, desmentido

*Love hurts, love scars
love wounds and marks any heart
not tough or strong enough
to take a lot of pain, take a lot of pain*
NAZARETH, “Love hurts”

Este escrito também poderia ser chamado de *uma história de desilusões*, tendo em vista que fala da desilusão de Dora com Freud, o que levou ao encerramento de seu tratamento; de Freud consigo mesmo, por não ter percebido a transferência da sua paciente a tempo; e finalmente da minha com Freud, em relação à condução do caso.

Freud conduziu o tratamento de Dora em fins de 1900. Tratava-se de uma jovem com quadro de enxaqueca, perda de consciência e afonia, que foi levada à análise pelo pai, quando ela tinha 17 anos.

Numa das primeiras sessões, Dora relata ao analista uma situação de abuso sexual (Freud, 1905/2016), relato esse que passa despercebido enquanto narrativa de uma cena de violência, sendo ouvido como a indicação de sintomas histéricos devido ao nojo que Dora sentiu durante o acontecido.

1 Membro da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE).

Tal conduta bem como o manejo analítico me causaram o impacto da desilusão desde que me atentei para essa questão. Inclusive, penso que levei anos para perceber esse trecho do caso clínico para evitar esse desconforto.

Em outro artigo (Zuanella, 2024), discorri sobre os possíveis motivos para Freud ter agido de tal forma, tendo como intenção entender psicanaliticamente o que pode ter acontecido, utilizando como arcabouço a teoria atual, que nos permite compreender a psicanálise de outra maneira em relação à teoria existente em 1900.

No artigo mencionado, levada pelas releituras psicanalíticas dos pós-freudianos, me perguntei como se daria a análise de Dora hoje em dia, ou melhor, o que eu faria se recebesse Dora (Ida) no meu consultório para tratá-la.

Vou fazer aqui algo semelhante, incentivada pelo artigo de Ornstein (2005), onde ele relata uma reanálise fictícia de Ida.

Caso Ida

Ida me procura após o término de uma análise que, segundo ela, foi malsucedida. É uma jovem de 18 anos, que se queixa de fortes dores de cabeça, desmaio e afonia. Filha caçula de uma prole de dois, tem um irmão mais velho, com quem se dá bastante bem. Sua mãe não tem muito tempo para os filhos, pois se dedica inteiramente aos cuidados da casa, e seu pai é um empresário bem-sucedido, muito respeitado na sociedade e dentro de casa.

A paciente é atendida quatro vezes por semana. O início do tratamento é permeado por seu humor irônico, sua descrença na psicanálise e uma reação jocosa às minhas interpretações.

Com três meses de análise, Ida apresenta o relato a seguir:

Quero te contar uma coisa que me aconteceu e só quem soube foi meu analista anterior. Faz uns cinco anos, eu fui para a loja de uns amigos dos meus pais para assistirmos um show. Meus pais me encontrariam lá, assim como Pepa,² a esposa de Hans, o amigo do meu pai. Quando cheguei, não tinha ninguém, nem os empregados. Achei estranho. Perguntei por quê. Hans não respondeu. Deixei para lá e fui subindo para a sacada. Nessa hora, ele me encurralou num canto, se encostou em mim, já excitado, e me beijou à força. Foi nojento, aquele cara velho, quase da idade do meu pai, se esfregando em mim e querendo enfiar a língua na minha boca. Tive vontade de vomitar. Saí correndo sem olhar para trás. Desde então, tentei ficar longe daquele sujeito, mas é difícil, porque ele e a mulher vivem andando com meus pais.

2 Os demais nomes de batismo dos envolvidos no caso Dora foram retirados do *Dicionário de Psicanálise* (1998), de Roudinesco e Plon.

Seu relato é sem emoção. Fico imaginando a cena daquela garota nos seus 13 anos de idade,³ começando a experimentar os desejos sexuais, a descobrir os anseios da puberdade, sendo assediada por um “velho” que “tem quase idade para ser seu pai”. Teria ela fantasiado que era seu pai? Por que não contara a ninguém? Essa última pergunta permanece na minha cabeça, enquanto ela fica em silêncio, o qual eu quebro com a indagação:

ANALISTA: Ida, imagino seu nojo de ser assediada, talvez até sua vergonha. Você me diz que preferiu não falar para ninguém. Pergunto-me se há alguma relação entre a vergonha e o silêncio.

IDA: É complicado. [Silêncio.]

Mais tarde, ao escrever a sessão, eu me lembro do que Roussillon (2023) escreve sobre a entrada do objeto na vida do pequeno ser, pontuando que os problemas na esfera da vida de relações têm sempre um componente narcísico. Era dessa maneira que eu sentia Ida: uma garota bastante ferida narcisicamente, talvez pela ausência do olhar materno, muito assustada com o lidar com os objetos, possivelmente temendo que eles a invadissem e extrapolassem. A alteridade a alterava sobremaneira, e ela parecia se ausentar afetivamente da experiência.

O silêncio permanece. Eu o quebro dizendo:

ANALISTA: É, deve ser – e ter sido – muito complicado mesmo.

IDA: Você nem imagina. O negócio é mais pesado do que você possa imaginar. Minha família não é fácil. Mas qual família é, né? Por falar nisso, Regina me contou que na casa dela está a maior confusão por causa das notas escolares do irmão... [E passa a falar da confusão na casa da amiga.]

Ida fala sem parar, e não deixo de notar que ela quer ocupar o tempo com outro assunto. Algo é muito complicado para ser dito hoje, e opto por esperar seu tempo. Não quero encurralá-la num canto da sala e obrigá-la a abrir a boca para me contar coisas em relação às quais ainda não está preparada. De certa forma, termino a sessão com a sensação de que estava sendo colocada no lugar de Hans, tendo que me segurar para não repetir uma cena em que eu forçaria a barra. Essa moça levou cinco anos para falar sobre esse assunto e agora precisa ser ouvida. Ouço seu silêncio.

Numa outra sessão, ela retoma o assunto:

3 Utilizo-me dos dados sobre as idades cuidadosamente pesquisados através de documentos por Hannah S. Decker (1991).

Foi bom ter te contado sobre o que aconteceu na loja. [Noto que ela não nomeia o abuso.] Quando falei para meu ex-analista, ele ficou calado e só perguntou se eu entendia algo de sexo àquela época. Ele era velho e não me entendeu.

Talvez ela esteja pensando no ex-analista contaminada pela ideia que tem da sua mãe: alguém distante, que não a entenderia.

Novamente um homem mais velho aparece no seu relato. Seria ela falando do pai através do senhor da loja e do ex-analista? Vejo-me tentando compreendê-la por dois caminhos: uma falha mais precoce, dual; ou uma relação menos arcaica, triangular. Eu me esforço para entender coisas que já sei que levam seu tempo. Sinto grande necessidade de entendê-la. Digo para ela:

ANALISTA: Você não se sentia entendida. Por isso é complicado?

IDA: Eu disse isso ontem? Não me lembrava. [Silêncio.] Não sei se meus pais entenderiam. Mamãe vive em outro mundo, só quer saber de arrumar as coisas, deixar a casa organizada, preparar aqueles jantares e pronto. Tão antiquado! Tão sem futuro! Só uma coisa ainda atrai sua atenção: meu irmão. Adoro meu irmão, e ele realmente é muito inteligente e diferenciado, mas mamãe dá cartaz demais para ele.

ANALISTA: E para você não.

IDA: Então, estava dizendo isso: para mim não; só para ele e para a casa. Nem para o meu pai sobra tempo. Por isso... [Longo silêncio.] Meus pais têm um casamento de fachada, sabe? Eles não têm mais vida de marido e mulher. Acho que não. A mamãe não tem cara de que se interessa por essas coisas, e meu pai tem outra. Eu até entendo ele, apesar de achar que não é assim que se resolve as coisas. Mas, como eu disse, é complicado. As pessoas podem se divorciar numa boa. Para que manter um casamento de fachada? Acho que eles optaram por isso porque é o mais cômodo para todo mundo.

O horário acaba, e então eu digo: “Ida, tem um monte de coisas complicadas, e me parece que você está querendo descomplicar, ao menos para você, e por isso está aqui me contando tudo isso. Vamos continuar amanhã?”

A paciente falta nas duas sessões seguintes.

IDA: Desculpa. Faltei e nem avisei. Estou em semana de provas, e está uma loucura. Sou muito certinha, e em semana de provas fico doidinha. Nem deu tempo de avisar.

ANALISTA: Talvez você quisesse testar para ver se eu ia reparar na sua ausência ou não.

IDA: Como? De onde você tirou isso? [Silêncio.] Sei não, acho que não, não sei. Estava com a cabeça em outro lugar. Vixe! Será que estou igual minha mãe? Nem brinca! Minha mãe nunca perceberia minha ausência... Mas de boa. Tô de volta. E perdi o fio da meada. O que eu estava falando mesmo? Da última vez que vim?

ANALISTA: Aqui não tem fio da meada para seguir. O fio e o caminho, é você quem escolhe. Fale sobre o que você está pensando.

IDA: Eita papo de analista do caramba! kkkkk Mas você é analista, né? kkkkk Vai ter papo do quê? De dentista? Tipo: “Ida, tenho que extrair um dente seu e vou agora aplicar a anestesia. Você vai sentir uma leve picadinha, mas depois passa. Se doer, me avisa”.

ANALISTA: Tem coisas que são mais fáceis com anestesia, não é? Dói menos.

IDA: Ana, você tá que tá hoje! Não falto mais.

Ela fala em tom de brincadeira. Lembro que no início o tom era jocoso, mas aos poucos foi ficando mais amistoso e cúmplice. Reparo que é a primeira vez que Ida pronuncia meu nome, como se estivesse me permitindo assumir um lugar na sua vida – ou, ao menos, um lugar transferencial mais autêntico na dupla analítica, o lugar de escuta, não de dentista que vai extrair à força algo que lhe pertence.

Lembrei! Falava do caso do meu pai. Era isso? Não. Não tinha chegado no caso do meu pai. Meu pai tem um caso. [Sua voz fica muito séria.] E faz tempo. Com ninguém menos que Pepa. Sim, Pepa, a esposa de Hans.

Fico uns segundos atônita, pensando em toda a teia que se forma em decorrência desse relato. A esposa do homem que abusou da paciente tem um caso amoroso com o pai dela. Fico um pouco perdida no turbilhão de conexões afetivas que isso deve ter desencadeado em Ida, enquanto ela continua sua história.

IDA: Nós éramos muito amigas, ou pensei que fôssemos, sei lá. Nossa diferença de idade é grande, mas nem tanto. Ela é bem mais jovem que meu pai. Nesse caso, ele é o velho asqueroso. kkkkk [Não é uma risada divertida. Parece mais de escárnio.] Não que eu não soubesse, sei lá. Eu sabia. Eu acho. Foi ela quem cuidou dele na época que ele teve aquele problema de saúde. Mamãe sabia e nem se importou. Ela estava mais preocupada em deixar a casa toda arrumada. Uma vez, meu pai e Pepa chegaram a ficar em quartos lado a lado num hotel, ambos sozinhos no final do corredor, com a gente tudo hospedado no mesmo lugar, em outros quartos, e minha mãe nem se tocou. Como assim? Tava na

cara! Por isso eu não me incomodava. Se minha mãe que era a esposa não se incomodava, por que eu iria me incomodar?

ANALISTA: Você não me parece “desincomodada” agora. Talvez você precise de um lugar mais seguro para sentir coisas desagradáveis, como esse se incomodar com a situação do seu pai e Pepa.

IDA: Dá para notar, né? É que tanta coisa aconteceu depois, que nem te conto. Quer dizer, conto sim, mas já sei que está terminando nosso horário e vou continuar amanhã.

Ainda falta um tempo para o fim. Fico na dúvida se comunico isso ou não. Resolvo me calar, pois a paciente não está falando do tempo do relógio, mas do “seu” tempo para continuar o relato.

Permanecemos em silêncio. Perto do fim da sessão, eu digo: “Entendo que você precisa do ‘seu’ tempo. Não tem por que nos apressarmos. Hoje terminamos”.

Ida falta à sessão seguinte. Relatar toda essa história deve ser penoso para ela. Muitas relações perversas se entrecruzam. Penso que começo a entender ou criar minha fantasia do porquê ela nunca ter contado a cena da loja para ninguém – a não ser para quem mantivesse sigilo profissional. Seria muito esforço reviver e contar seus afetos. São tantas mentiras a seu redor, que ela preferiu entrar no jogo. Mesmo quando sua vida começou a se enrolar nesse novelo de relações dúbias, ela também escolheu negar uma parcela da realidade. Nesse ponto, penso na minha necessidade de compreendê-la. Quem sabe eu viva com Ida a sensação de compartilhar algo tão óbvio que é impossível não enxergar, mas mesmo assim insisto em não dar atenção.

Em outra sessão, ao dirigir-se ao divã, Ida pergunta se pode sentar-se na poltrona. Digo que faça como preferir, como se sentir mais à vontade, e ela vai para a poltrona.

IDA: Desculpa. Faltei ontem. Não deu para vir. Quando ia avisar, já tinha passado do horário da sessão, e não tinha para que avisar.

ANALISTA: Tem coisas que é tarde demais para resolver?

IDA: Não entendi. Você quer dizer que tem coisas que é tarde demais para consertar? [Faço sinal positivo com a cabeça.] Em relação à minha mãe é assim. Com meu pai, com Hans e com Pepa também. Nossa! Com as pessoas que eu mais convivo e cheguei a gostar, é assim.

ANALISTA: Você gostava de Hans?

IDA: Sim, ele já foi um cara legal. Minha amizade mesmo era com Pepa. A gente conversava sobre tudo que não dava para falar com minha mãe: coisas de moda, de cinema, de paqueras, até de sexo. Pepa me ajudou a entender muita coisa. Eu era louca por ela. [A frase me chama a atenção pelo tom com que é dita.]

Por isso, pela minha mãe não querer nada com meu pai, por saber que Pepa não tinha um casamento legal, eu fingia que não via o que estava acontecendo.

ANALISTA: Você via e não via ao mesmo tempo.

IDA: Isso! Esse é um bom jeito de explicar: eu via e não via. Nem é que eu fingia: eu sabia e não sabia ao mesmo tempo. Meio doido isso, né?

ANALISTA: Meio doído.

IDA: Na época não doía. Dói muito agora. Muita coisa aconteceu. Para dizer a verdade, não sei bem o que houve. Sei mais “quando” houve, mas não entendo por que me magoou tanto. Esquisito, estava tudo bem, funcionou legal por anos. Eles tinham um caso, eu tinha amizade com ela, eu evitava Hans, minha mãe não via nada, e vida que segue. Meu pai sempre teve a saúde frágil. Eu me virava bem com o caso do meu pai. Acho que não contei do abuso [reparo que ela nomeia o ocorrido pela primeira vez] para ele para não atrapalhar a relação deles, ou porque eu também não entendia direito o que tinha acontecido na loja – se eu tinha feito algo para aquilo acontecer, se a culpada era eu, se o que Hans fez era grave ou não. Era muito embaralhado. Agora não é mais, e eu sei que não tenho culpa de ter sido abusada. Aquele cara é que é um sujeitinho tão doido que deixa a esposa ter um caso com seu amigo bem debaixo do seu nariz, fingindo que não vê nada.

ANALISTA: Novamente esses fingimentos, esse ver e não ver ao mesmo tempo. Esse assunto se repete com certa frequência.

IDA: Isso, mais uma vez esses fingimentos. Fico achando que minha vida é toda uma mentira só. Não tem ninguém sincero nessa história, nem eu... Afinal, eu própria fingi que não fui encurralada por Hans para ele vir enfiar aquela língua nojenta na minha boca. Ana, eu era BV, nunca tinha beijado ninguém. Eu tinha 13 anos. Isso é um absurdo! [Vai se inflamando à medida que fala.] Pois deixe estar que lhe dei o troco! [Dá uma risada estranha, que me põe a pensar se é de divertimento, sarcasmo, nervosismo.] Você acredita que aquele imbecil veio tentar de novo? Sim, há pouco tempo, bem pouquinho antes de eu ir para o outro analista, ele veio tentar me seduzir novamente. Seduzir não; abusar. Só que dessa vez ele foi menos direto. Afinal, eu já estava com 17 anos, não era mais aquela menina boboca. Ele veio sugerir de termos um caso. [Eleva a voz.] Ele veio com aquela conversa de que não tem nada com a esposa... blá-blá-blá. Gente! Ainda tem quem venha com esse papinho achando que funciona? Ele não entendeu da primeira vez não?

E continua:

IDA: Pior ainda é que eu tenho culpa, agora tenho sim, mas não tenho sozinha. Minha culpa é não ter contado o avanço dele naquele dia da loja. Eu devia ter dito, mas eu também vivia num mundo de faz de conta. Faz de conta que são

dois casais felizes, faz de conta que são dois casais amigos, faz de conta que um não trai o outro, faz de conta que não houve nada na loja de Hans, faz de conta isso, faz de conta aquilo. Nesse faz de conta, Hans terminou por conviver comigo como se nada tivesse acontecido, e o descarado ainda me enviava presentes, dava coisas caras no meu aniversário, e ninguém enxergava nada! Eu, por outro lado, não sabia como reagir. Via meu pai e minha mãe achando normal o amigo da família me encher de mimos. Terminei por achar normal também. Até cheguei a pensar que havia entendido mal o dia da loja. Daí veio essa tentativa ridícula de ter um caso comigo e deu ruim. Fazer de conta dessa vez, não!

ANALISTA: É triste porque, nesse faz de conta, fizeram de conta que você não existia enquanto alguém que poderia sofrer.

Era bastante factível que Ida não tivesse sido percebida no seu sofrimento pelos pais, cada um por seus motivos. Ambos estavam envolvidos demais consigo mesmos para vê-la.

Imagino que sua mãe, Kate, estivesse tão concentrada em não ver os casos do marido, que voltou toda a sua atenção para a casa, obsessivamente, até para se defender de suas pulsões sádicas, oriundas do ódio que devia sentir, e se dividia dando alguma atenção para o filho, quem sabe tentando ter o olhar de algum homem da casa, algum que ela valorasse.

Philip, seu pai, estava preocupado em achar meios de se encontrar com Pepa sem atrair tantos olhares. Também devia gastar um tempo enorme tentando levar Hans em banho-maria, a fim de mantê-lo condescendente com o caso de ambos.

De repente, me peguei fazendo análise selvagem com os pais de Ida, mas creio que foi a forma que encontrei de preencher tantos não ditos e não ouvidos, tantos vistos e não enxergados. Fiz minhas deduções no intento de ajudar minha paciente a dar um sentido afetivo a tudo que vivia e percebia e agora estava encontrando novas formas de expressar.

Em outra sessão, Ida diz:

Saí daqui pensando no faz de conta que ronda minha vida... Faz de conta lembra contos de fadas, mas contos de fadas têm final feliz, e não vejo nada de felicidade diante de mim. E sinceramente, nem saberia dizer quem é a bruxa má nessa história. Todo mundo tem seu lado bruxo nessa bagunça toda. Eu devo ter também...

Fico pensando em como Ida, com um ano de análise, tem tido a capacidade de se ver mais envolvida na própria vida, e não me escapa a percepção de que sua elaboração, apesar do jeito jovial de ser comunicada, é um tanto amadurecida para uma jovem dessa geração. Vem à minha mente o bebê

sábio de Ferenczi (1931/2011), aquela criança traumatizada que, em virtude do trauma, amadurece precocemente para poder cuidar de si. Com a maior integração de Ida, ela trabalha mais na posição depressiva, deixando de cindir tanto seu ego. Nesse meu estado de atenção flutuante, Ida discorre:

IDA: Esse fingimento faz parte da minha vida há anos, e eu não notei. Depois que a gente começa a ver, não consegue mais fechar os olhos. Sinto raiva do tempo que fui conivente com meu pai. Onde eu estava com a cabeça? Eu achava meu pai tão sensato, tão bem-sucedido em suas escolhas, que não questionei nenhuma de suas atitudes. E Pepa? Eu era como uma irmã mais nova para ela. Ela me ensinava coisas da vida, confiava segredos do seu casamento, e eu acreditava que ela gostasse de mim. Daí me acontece esse troço de novo, esse encosto vem querer ser meu amante. Amante! E daí eu não aguentei. Sabe o que eu fiz? Dei um tabefe na cara dele. E digo logo: não me arrependo. Esse tapa saiu com quatro anos de atraso. Estava engasgado na minha garganta.

ANALISTA: Agora você desengasgou? Tem voz própria. [Penso na afonia e na rouquidão, que não apareceram mais.]

IDA: [Parece não ter me ouvido.] Eu queria respeito. Seria pedir muito para acreditarem em mim? [Silêncio.] Porque você não sabe o que aconteceu depois. Não bastasse aquele idiota dar em cima de mim de novo, eu ainda paguei de doida na frente da minha família inteira. Ai que ódio! Quando voltamos a morar aqui na capital, pouco tempo depois, dei de cara com Hans na rua e descobri que ele e Pepa também haviam saído do interior para vir para cá. Fui falar com meu pai, explodi. Falei para ele se afastar de Pepa, que eu não aguentava mais ficar no meio disso e que Hans havia me proposto ser sua amante. Meus pais disseram que iam resolver isso. Na hora, ligaram para Hans, que negou tudo e ainda veio dizer que eu desde cedo já me interessava por sexo e que estava inventando tudo aquilo. O que meus pais fizeram? Acreditaram nele. [Começa a chorar.] Não acreditaram na própria filha e acreditaram nele. Ainda tem mais: Hans falou das conversas que eu tinha com Pepa. Como ele poderia saber? Ela contou, né? [Chora mais forte.] Minha amiga confidente só me usou como disfarce para encontrar meu pai. Eu fui um álibi para eles esses anos todos.

ANALISTA: Imagino como é difícil ver coisas que você passou tanto tempo tentando ignorar para evitar essa dor de agora.

IDA: Estava na minha cara. Eu que era uma besta. Por isso Hans achou que podia fazer o que quisesse comigo. Eu que sou uma idiota, não ele. Ele é muito do esperto. Eu sou burra, muito burra. Não cresci nada desde os 10 anos, e não vou crescer nunca. Não vou dar para nada na vida.

ANALISTA: Não me parece justo você dirigir todo o ódio para si. É como se você estivesse tão colada a essas pessoas, que você as agride através de si própria.

Você não tem mais 10 anos. Você tem outras condições de se proteger, que você não tinha naquela idade. Inclusive pode escolher para quem vai dar na vida.

IDA: [Começa a rir.] Só assim para eu rir mesmo. Por essa, eu não esperava. Posso dar para quem quiser e bem entender, e não dar também. Isso é que é bom. Dou para quem quiser. [Ri mais.]

Numa sessão posterior, volta o assunto:

IDA: O final de semana foi tenso. Lembrei da época em que contei de Hans para os meus pais. Foi então que eu fui obrigada a fazer análise. Na hora em que me vi acusada de estar mentindo, saí de mim. Não me lembro de nada. Apaguei. Acordei. Estava no chão com meus pais em cima de mim, preocupados.

ANALISTA: Foi uma maneira de te enxergarem e te ouvirem.

IDA: Foi nada. Não adiantou de porcaria nenhuma. Só me obrigaram a fazer análise, onde eu tinha que ouvir que era apaixonada por Hans. Isso era ofensivo. Se eu quisesse, eu estaria com ele, mas eu nunca quis, de verdade. Você acredita em mim?

ANALISTA: Eu acredito no que você me fala.

IDA: Ir para a análise era muito ruim. Ele chegou a sugerir que eu desse trela para Hans, assim nós ficaríamos juntos, e Pepa estaria livre para ficar com meu pai. Como se já não bastasse ver meu pai traindo minha mãe, traindo o amigo, me jogando na fogueira, ainda me mandam para um médico que sugere essas coisas.

ANALISTA: Assim fica difícil se abrir com alguém, confiar nos outros, nas relações.

IDA: Eu diria que fica impossível. Nunca consegui namorar sério, nunca me envolvi de verdade com ninguém. Até pensei se era mesmo apaixonada por Hans, acredita? Será que se eu fosse apaixonada, eu teria reagido tão mal quando ele me beijou? Depois de tudo que tenho falado aqui, penso que eu até posso ter gostado de ser paparicada por ele – pelo menos, ele me percebia. Mas depois do que houve na loja, tenho certeza que ele só me dava repulsa. [Pausa.] Ok, eu só tinha 13 anos. Mas e depois? Se eu sentisse alguma coisa, eu topava ter um caso com ele. Não queria ser amante de ninguém, porque acho uma fria, porém, quando a gente está apaixonada, não pensa com a razão, pensa com o sangue borbulhando. Meu sangue não borbulhava. Eu apenas sentia raiva, desgosto, confusão, medo.

ANALISTA: Você se apaixonou por alguém nessa história?

Falei sem saber o que queria dizer. Depois da sessão, refleti que foi algo no tom de voz quando Ida falou de Pepa, ou a forma como ela a descrevia, ou então a dúvida quanto a se eu estava negando uma paixão dela por Hans, pelo pai. Ao fim, as dúvidas postas tomaram conta de mim, e eu tive medo de estar

trabalhando sem ouvir direito, como que cega, como ela fora sobre a situação em que estava inserida.

IDA: [Exasperada.] Ana, você só pode estar brincando, não é? [Senta-se no divã e me encara.] Como é que, depois de tudo que eu te contei, você tem coragem de me perguntar uma coisa dessas? Você não ouviu nada do que eu tenho falado nesse ano e meio, vindo aqui quase todos os dias da semana? [Volta a se deitar.] Não, Ana, eu não me apaixonei por ninguém nessa história. Eu estava te dizendo exatamente isso há um minuto. Uma coisa é certa: é impossível estar apaixonada sem perceber. No mínimo isso eu teria a capacidade de notar. E não, não tenho mentido para você esse tempo todo. Eu menti para minha mãe ao não contar do caso do meu pai, porque nem eu sabia direito. Menti sobre as atitudes de Hans, porque intuía que não convinha a ninguém me acreditar. Sim, tive grande amizade por Pepa, gostava dela, mas não a desejava, não a queria como mulher. Gostava de ter uma cumplicidade que não encontrava com minha mãe, gostava de ter um espelho onde aprender a ser mulher. Não mulher de Hans. Queria aprender a ser sensual, feminina. Nossa! Realmente escolho muito mal minhas confidentes. Não dá para eu continuar a sessão hoje, preciso ir embora.

ANALISTA: Sinto muito pelo que falei.

Ida sai da sala.

Com minha análise pessoal e no grupo de intercontrole, pude entender melhor meu movimento. Eu tinha atuado num enactment. Eu atuara junto com minha paciente, no sentido apontado por Hurni e Stoll: “Os segredos perversos se integram numa dinâmica totalmente específica: eles são não somente cultivados, destilados em pequenas doses paradoxais (‘mostra-esconde’), mas também postos em cena numa repetição dramática, que utiliza as pessoas próximas como protagonistas obrigatórios” (2013, p. 25).

Nesse momento, eu estava no lugar de protagonista, ocupando o papel daquela que desacreditava Ida. Eu ouvi seu relato, mas algo me fez desacreditar. Eu ocupei o lugar da denegadora da sua experiência, tal qual Ferenczi (1931/2011) descreve no mecanismo do traumatismo da criança que pede ajuda, mas é descreditada pelos que dela cuidam.

Eu me lembrei de outros autores que tratam desse tema.

Evzonas (2020) chama a atenção para o fato da confusão de línguas dizer respeito tanto aos adultos com a criança quanto ao analista com o analisando. O autor observa que uma dupla confusão de línguas pode se instalar: a sexual e a transferencial. Naquela sessão se instalara uma grande confusão de línguas transferencial e contratransferencial.

Enactment é um conceito relativamente recente em psicanálise, que pode ser traduzido como “colocar em cena”. Analista e analisando atuam em cumplicidade inconsciente. É mais do que um acting-out, uma vez que ambos participam do que está acontecendo. “No enactment o analista está sujeito a suas próprias transferências e pontos cegos” (Cassorla, 2015, p. 46).

Quanto ao meu temor em relação ao tamanho do estrago técnico que eu havia feito, ler que, para Bohleber et al. (2015), apenas alguns kleinianos entendem o enactment como uma falha no tratamento, me deixou mais tranquila. A maior parte dos analistas o enxergam como algo imprevisível e inevitável, e entendem que alguns materiais inconscientes só podem emergir por meio da ação.

Para reforçar esse argumento, muitos teóricos, como Benjamin (2009), Boesky (1990), Goldberg (2002) e Renik (1993), consideram o enactment parte inerente e inevitável do tratamento, podendo ser útil para comunicar aspectos ainda não simbolizados, favorecendo insights.

Essas leituras e discussões me permitiram entender o que se passara, e penso que foram um ponto importante no tratamento de Ida, pois as sessões seguintes deram oportunidade de elaboração no campo simbólico de sensações que ainda estavam muito primitivamente registradas. A experiência do enactment, quando compreendida por mim, foi transformada em elemento de comunicação e trabalho, em vez de ser apenas um fenômeno de atuação.

Para minha surpresa (e alívio), Ida compareceu à sessão seguinte.

Entrou no consultório com cara de desconfiada. Imagino que eu estivesse com um semblante parecido. Eu estava apreensiva com o que iria ouvir e sem saber o que diria; estava naquele estado contratransferencial descrito por Bollas, o “vivenciado-ainda-não-conhecido” (2015, p. 234), em que o analista está no processo de viver algo que ainda não sabe o que é, e sente que pode sustentar esse estado de não saber uma vez que esteja seguro do seu senso de identidade, a ponto de poder perdê-lo no espaço clínico. Torci para que minha identidade pessoal e enquanto analista estivesse assegurada para eu poder me empregar para Ida sem me confundir com ela.

IDA: Não sabia como viria hoje, se viria, e não sei se vou conseguir falar.

ANALISTA: Foi muito ruim o que você ouviu ontem, ou melhor, o que eu disse.

IDA: [Sarcástica.] Ah! Então você pensou sobre isso? Se arrependeu, foi? [Pausa.]

Quem cala consente. Espero mesmo que você tenha se arrependido, porque foi uma pergunta, quase uma afirmação, totalmente descabida. [Pausa.] Você não vai dizer mais nada?

Eu não havia pensado em nada específico para dizer, não havia um script ou uma fala guardada na manga. Fiquei inquieta. O que dizer? Eu sentia que cada palavra fora do lugar teria um efeito catastrófico. Catastrófico. As

relações de Ida eram todas uma catástrofe iminente? Pelo visto, era essa sua impressão, e talvez a minha. Nesse fluxo de pensamento, segui:

ANALISTA: Quase crio uma catástrofe, e sentiria muito se isso acontecesse entre nós.

IDA: Verdade? Você sentiria mesmo se eu não confiasse mais em você e nunca mais voltasse? [Pausa.]

Fiquei em silêncio. Ela já estava podendo me ouvir. Seu tom de voz mudara. Parecia que ela havia entendido que era verdade, que naquele espaço havia lugar para as verdades, das mais duras às mais aliviantes. Ida prosseguiu:

Eu me senti péssima. Eu me lembrei muito do que senti sobre Pepa quando vi que ela havia contado de nossas conversas particulares para o marido. Nós éramos amigas, e amigos não fazem isso. Eu convivi com ela sem me lembrar que ela era amante do meu pai, e, na hora que a coisa apertou, ela optou por salvar a relação com ele.

Ida estava nomeando o lugar de cada um na história. Ela podia enfrentar essas verdades. Eu disse: “Meu lugar continua a ser o de alguém em quem você pode confiar, e que também erra”. Se essa frase não fosse dita, eu estaria escondendo uma verdade de mim mesma. Eu sentia muito em relação ao que dissera, sentia ter sido um erro, apesar de entender que havia uma dinâmica transferencial-contratransferencial por trás do ocorrido.

IDA: Ana, a gente erra tanto... E se errar fosse isso que aconteceu ontem, o mundo seria um melhor lugar. [Começa a chorar.] Você me fez perguntas descabidas, não vou dizer que não foi, mas você me deu o benefício da dúvida, você não me acusou, você me perguntou. Não havia percebido, mas agora falando, vejo que foi isso que me trouxe aqui de novo: eu não me senti acusada. [Com a voz bem mais leve.] Tá certo, você levantou uma questão totalmente nada a ver e parecia que você nunca tinha me ouvido na vida. Mas você deixou espaço para me ouvir melhor. Eu sei que você pode me escutar. Eu tenho experimentado isso há quase dois anos.

ANALISTA: Ida, você, que chegou aqui se queixando de perder a voz, encontrou um lugar para ser escutada. Sua cabeça cheia de dores pôde encontrar novas formas de lidar com o sofrimento.

IDA: Eu sei, Ana, entendo melhor o que você me diz.

Ida permaneceu mais cinco anos em análise. Os temas foram mais variados: faculdade, namoros, descobertas sobre afetos novos, frustrações, coração partido, coração remendado, traições, perdões, escolhas, profissão,

investimento em si, identidade de si e subjetivação – e também a desilusão com os pais, Hans, Pepa e consigo.

Ida distanciou-se dos pais, mas manteve contato estreito com o irmão. Não teve mais notícias de Hans. Casou-se e teve um filho.

Conclusão

No meu entender, uma das principais demandas analíticas de Dora não foi compreendida: a de ser ouvida em “sua” verdade.

Um analista pode ter dificuldade de ouvir um paciente por questões pessoais e técnicas. Esse pode ter sido o caso de Freud com Dora. No entanto, apesar dele ter em mãos um arcabouço limitado ao estado inaugural da disciplina, Freud foi muito além do que qualquer outro ousara chegar até então.

Freud chegou a conceitos importantes quando se viu diante de impedimentos clínicos: frente à resistência, teorizou sobre o recalque; frente à insuficiência da primeira tópica para compreender os fenômenos que observava, construiu o modelo estrutural da mente; com o abandono de Dora, percebeu o impacto da transferência. Utilizou, portanto, as desilusões a favor da construção de um novo campo do conhecimento.

Diante do meu temporário desencanto com o caso Dora, busquei caminhos nesse campo do conhecimento inaugurado por Freud para tentar me desvencilhar da minha perplexidade.

Assim, recebi Ida, com minhas demandas e a necessidade de resgatar a teoria em que se baseiam anos do meu trabalho clínico. Terei sido contaminada pelo meu contexto? Sabemos a resposta.

Ao encerrar, percebo que este escrito não trata somente de *uma história de desilusões*, mas do que fazemos diante do irremediável encontro com elas.

La Ida de Dora: un caso clínico

Resumen: En 1900, Freud trató a Dora durante tres meses antes de que ella abandonara el tratamiento. Una de las hipótesis del analista era que esto se debía a que no se había dado cuenta a tiempo de la transferencia de la paciente. Estos hechos ampliamente conocidos sirvieron de estímulo a la autora para escribir este artículo, en el que intenta reproducir su tratamiento de Dora utilizando las herramientas clínico-teóricas de que disponemos hoy en día. Con este procedimiento, la autora pretende comprender a Dora en su sufrimiento y su demanda desde un soporte teórico que no existía en 1900, e invita a los lectores a imaginar cómo conducirían el caso si lo recibieran hoy en sus consultas. Para acompañarla en su trabajo, se sirve de autores más actuales, como Bollas, Roussillon y Cassorla, y más antiguos, como Ferenczi.

Palabras clave: Dora, transferencia, contratransferencia, enactment, desmentida

Dora's Ida: a clinical case

Abstract: In 1900, Freud treated Dora for three months before she abandoned the treatment. One of the analyst's assumptions was that this was because he hadn't noticed the patient's transference movement in time. These widely known facts served as a stimulus for the author to write this article, in which she tries to reproduce her treatment of Dora using the clinical-theoretical tools we have today. With this expedient, the author aims to understand Dora in her suffering and her demand from a theoretical support that did not exist in 1900, and invites readers to imagine how they would conduct the case if they received it in their offices today. To accompany her in her work, she makes use of more current authors, such as Bollas, Roussillon and Cassorla, and older ones, such as Ferenczi.

Keywords: Dora, transference, countertransference, enactment, disavowal

L'Ida de Dora : un cas clinique

Résumé : En 1900, Freud a traité Dora pendant trois mois avant qu'elle n'abandonne le traitement. L'une des hypothèses de l'analyste était que cela était dû au fait qu'il n'avait pas réalisé à temps le transfert de la patiente. Ces faits largement connus ont incité l'autrice à écrire cet article, dans lequel elle tente de reproduire son traitement de Dora à l'aide des outils clinico-théoriques dont nous disposons aujourd'hui. Avec cette approche, l'autrice cherche à comprendre Dora dans sa souffrance et sa demande à partir d'un support théorique qui n'existait pas en 1900, et invite les lecteurs à imaginer comment ils conduiraient le cas s'ils le recevaient dans leur cabinet de consultation aujourd'hui. Pour l'accompagner dans son travail, elle fait appel à des auteurs plus actuels, comme Bollas, Roussillon et Cassorla, et plus anciens, comme Ferenczi.

Mots-clés : Dora, transfert, contre-transfert, enactment, déni

Referências

- Benjamin, J. (2009). A relational psychoanalysis perspective on the necessity of acknowledging failure in order to restore the facilitating and containing features of the intersubjective relationship (the shared third). *International Psychoanalytical Journal*, 90, 441-450.
- Boesky, D. (1990). The psychoanalytical process and its components. *The Psychoanalytic Quarterly*, 59, 550-584.
- Bohleber, W., Fonagy, P., Jiménez, J. P., Scarfone, D., Varvin, S. & Zysman, S. (2015). Para o melhor uso dos conceitos psicanalíticos: modelo ilustrado com o conceito de enactment. *Livro Anual de Psicanálise*, 29, 251-280.
- Bollas, C. (2015). *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado* (F. Marques, Trad.). Escuta.
- Cassorla, R. M. S. (2015). *O psicanalista, o teatro dos sonhos e a clínica do enactment*. Karnac.

- Decker, H. S. (1991). *Freud, Dora, and Viena 1900*. Free Press.
- Evzonas, N. (2020). As múltiplas confusões de línguas de Sándor Ferenczi e como influenciaram o pensamento psicanalítico. *Livro Anual de Psicanálise*, 34(2), 371-391.
- Ferenczi, S. (2011). Análises de crianças com adultos. In S. Ferenczi, *Obras completas* (A. Cabral, Trad., Vol. 4, pp. 79-95). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1931)
- Freud, S. (2016). Análise fragmentária de um caso de histeria. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 6, pp. 173-320). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Goldberg, A. (2002). Enactment as understanding and misunderstanding. *Journal of American Psychoanalytical Association*, 50, 869-883.
- Hurni, M. & Stoll, G. (2013). *Le mystère Freud: psychanalyse et violence familiale*. L'Harmattan.
- Ornstein, P. H. (2005). When Dora “came” to see me for a second analysis. *Psychoanalytic Inquiry*, 25(1), 94-114.
- Renik, O. (1993). Analytic interaction: conceptualizing technique in light of the analyst's irreducible subjectivity. *The Psychoanalytic Quarterly*, 62, 553-557.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro & L. Magalhães, Trans.). Jorge Zahar.
- Roussillon, R. (2023). *O narcisismo e a análise do eu* (V. P. Dresch, Trad.). Blucher.
- Zuanella, A. C. (2024). Compreendendo Dora através do enactment. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 31(3). <https://tinyurl.com/4dmf6k6u>

Recebido em 23/1/2025, aceito em 10/2/2025

Ana Cláudia Zuanella
anazuanella@me.com

DOI: 10.69904/0486-641X.v59n1.14